



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

DOM CASMURRO NA BIBLIOTECA DE BORGES

DOM CASMURRO IN THE BORGES LIBRARY

Lucianno Di Mendonça¹
Émile Cardoso Andrade²

Resumo:

A proposição desse artigo é analisar dois expoentes da literatura latino-americana e ocidental: Machado de Assis e Jorge Luis Borges, nas obras *Dom Casmurro* e *A biblioteca de Babel*. O recorte será feito sublinhando duas frases: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”, enunciado de Bentinho; e “Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva rumo ao infinito”, dita pelo narrador do autor argentino. A partir de uma abordagem metafísica, será destacado o que em Machado estimula sua criatividade a se voltar para o interior do ser humano, bem como, a caracterização psicológica de suas personagens, e quase que invariavelmente, não é uma representação otimista da humanidade. E, buscar elementos em Borges para entender porque, aparentemente, ele vai no caminho inverso: transcender a experiência humana para o inexplicável e o assombro diante da vida, para isso, o autor usa elementos como: infinito, labirinto, abismo, escada espiral, biblioteca e peregrino. Como aporte teórico serão usados: “O realismo e a forma romance”, de Ian Watt; “Alguns aspectos do conto”, de Julio Cortázar; e, “Teoria do conto”, de Nádya Batella Gotlib.

Palavras-chaves: Espiral. Biblioteca. Atar. Abismo.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze two exponents of Latin American and Western literature: Machado de Assis and Jorge Luis Borges, in the works *Dom Casmurro* and *A Biblioteca de Babel*. The outline will be made underlining two phrases: “My evident purpose was to tie the two ends of life together and restore adolescence to old age”, enunciated by Bentinho; and “This is where the spiral staircase passes, which rises and rises towards the infinite”, said by the narrator of the Argentine author. From a metaphysical approach, it will be highlighted what in Machado stimulates his creativity to turn inside the human being as well as the psychological characterization of his characters, and almost invariably, it is not an optimistic representation of humanity. And, look for elements in Borges to understand why, apparently, he is going the opposite way: transcending the human experience to the inexplicable

¹ Licenciado em Letras Língua Portuguesa pela PUC Goiás (2018), professor adjunto no complexo penitenciário Consuelo Nasser em Aparecida de Goiânia, aluno especial do curso de pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás – UEG (2020). E-mail: luciannodimendonca@gmail.com.

² Doutora em Literatura (2011) e mestre em Teoria literária pela Universidade de Brasília (UnB), possui graduação Letras Português pela mesma universidade (2002). Professora da Universidade Estadual de Goiás inscrita no POSLLI - Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade - Campus Cora Coralina. E-mail: emilocaandrade@gmail.com.

and the astonishment in the face of life, for this, the author uses elements such as: infinite, labyrinth, abyss, spiral staircase, library and pilgrim. Theoretical contribution will be used: “Realism and the romance form”, by Ian Watt; “Some aspects of the story”, by Julio Cortázar; and, “Theory of the story”, by Nádía Batella Gotlib.

Key words: Spiral. Library. Tie. Abyss.

Introdução

Nas últimas décadas a tecnologia avançou em unidades astronômicas³ tão grandes que a humanidade chegou no ponto em que os próprios avanços promovidos por ela podem ser os que a destruirão. Isso naturalmente não tem relação direta com a tecnologia em si, a técnica apenas potencializa quem somos. Bombas de destruição em massa, desigualdades sociais galopantes, desprezo pela educação como projeto de poder, grupos obscurantistas cada vez mais numerosos e organizados, terraplanismo, pseudociências, negacionismo, teorias da conspiração, analfabetismo funcional, pós-verdade; violência física e estrutural contra mulheres, negros e outros iguais. Não há novidade em muitos desses fenômenos, mas tudo isso é impulsionado por algoritmos na internet empurrando usuários para bolhas mercadológicas, sectárias e intolerantes, oprimindo a democracia ao ponto de embargar-lhe a voz.

No fluxo inverso está a ciência, a filosofia, o pensamento crítico, as artes, as letras, o diálogo. Será por esses termos e, sobretudo, pelo diálogo, que esse artigo se propõe a fazer uma análise através da literatura, esta que sempre esteve na vanguarda contribuindo para o alívio e transformação dos piores momentos da história.

Partindo do princípio que a leitura é a melhor forma de criar no indivíduo seu universo simbólico, bem como, favorecer ao leitor criar seus próprios caminhos sinápticos alternativos para propor solução de problemas e criar novas realidades, é que vamos colocar duas mentes do cosmos literário em confronto e órbita uma em torno da outra.

A proposta não é seguir uma chave hermenêutica para os dois escritores se valendo do contemporâneo e predominante materialismo histórico, tampouco propor outra, mas destacar uma sutileza no olhar de dois expoentes da escrita no século passado. Desta forma, a diferença entre Borges e Machado é sutil, mas entre sutilezas podem haver abismos sem fim. O artigo será dividido em: 1) Atar as duas pontas de vida; e, 2) Escada espiral que se abisma ao infinito.

Ao final, pretende-se apresentar como Machado de Assis e Jorge Luis Borges valeram-se das particularidades dos gêneros literários *romance* e *conto* para falar de forma singular sobre o universo da grande tragédia e labirinto da vida a qual estamos inseridos e, por consequência, em gravidade e atração.

Atar as duas pontas da vida

Quando Bentinho diz ao seu interlocutor sobre o porquê estava narrando a história que marcaria a literatura brasileira, o motivo era: encontrar o sentido da sua existência. Ele queria fazer com que as duas pontas de sua vida se interligassem de forma coesa, não com início, meio e fim, mas como um todo onde a segunda se renova na primeira.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui.

³ Distância média entre a Terra e o Sol. É empregada principalmente para descrever órbitas e distâncias dentro do Sistema Solar. Disponível em: <<https://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/GravitacaoUniversal/unidades.php>> Acesso em 07 de out. de 2020.

Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo (ASSIS, 2017, p. 2).

Contudo, no mesmo enunciado ele aponta o fracasso nesse empreendimento, porém, talvez verbalizando sua história, poder-se-ia encaixar a resposta à sua pergunta. Posteriormente, Bentinho disse: “Montaigne escreveu de si: *ce ne sont pas mes gestes que j’écris; c’est moi, c’est mon essence*”⁴ (ASSIS, 2017, p. 136). A fragmentação de sua personalidade fora tão grande ao ponto de admitir que a ausência de outras pessoas é suportável, mas faltar a si mesmo torna a vida impossível.

No capítulo XXXIII, denominado “Penteado”, o desejo de Bentinho em compreender a vida se reflete na aspiração em dominar seu relacionamento com Capitu. Após tocar nos cabelos dela e penteá-los, ele os prende em duas tranças, não satisfeito, tenta prender uma trança na outra. Quando, no início, ele a pede para sentar-se, ela diz: “Vamos ver o grande cabeleireiro” (ASSIS, 2017, p. 67). O narrador em primeira pessoa diz: “O trabalho era atrapalhado, às vezes por desazo, outras de propósito para desfazer o feito e refazê-lo” (ASSIS, 2017, p. 67).

Esse trabalho atrapalhado e vontade de refazer o feito será o sentimento de Bentinho em todo o livro, ele deixa sinais de sua pretensão quando diz: “desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes” (ASSIS, 2017, p. 67). No início ele quer atar as duas pontas da vida, aqui seu amor deseja “envolver o infinito”, de forma que, nem este escapa ao seu desejo de apreender tudo. E isso seria feito se amarrasse o próprio infinito atando-o com as tranças de Capitu.

Enfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhes as pontas? Em cima da mesa, um triste pedaço de fita enxovalhada. Juntei as pontas das tranças, uni-as por um laço, retoquei a obra alargando aqui, achatando ali, até que exclamei: – Pronto! – Estará bom?”, disse ela (ASSIS, 2017, pp. 67-68).

Esse capítulo impõe o tom em toda a narrativa, tanto que o narrador o cita outras vezes no livro. A resposta à pergunta de Capitu “Estará bom?”, virá na sequência, na qual aponta que a personagem não se submeterá às loucuras e ciúmes daquele que futuramente seria seu marido.

– Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças! – Que tem? – acudiu a mãe, transbordando de benevolência. – Está muito bem, ninguém dirá que é de pessoa que não sabe pentear. – O que, mamãe? Isto? – redarguiu Capitu, desfazendo as tranças. – Ora, mamãe! (ASSIS, 2017, p. 69).

E a vida deixará Bentinho atar-lhe as pontas? Naturalmente que não. Capitu deixará alguém controlar sua vida? Também não. No dia seguinte, o protagonista vai à casa de sua enamorada, ela estava abatida e com um lenço na cabeça: “E como desatasse o lenço, a mãe disse-lhe timidamente que era melhor atá-lo, mas Capitu respondeu que não era preciso, estava boa” (ASSIS, 2017, p. 86).

As nuances da tragédia de Bentinho correm numa narrativa mais profunda, este personagem busca o próprio alívio na contação de sua história e nas artes. O capítulo nove descreve que “Deus recebe em ouro, satanás em papel” (ASSIS, 2017, p. 18), e “A vida é uma ópera e uma grande ópera” (ASSIS, 2017, p. 16), “Deus é o poeta. A música é de satanás” (ASSIS, 2017, p. 16).

⁴ “Não são meus gestos que escrevo; sou eu, é a minha essência” (Tradução).

Um dia, quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver alguém, pode ser que tenor, e talvez italiano, que ensine esta verdade aos homens. Tudo é música, meu amigo. No princípio era o dó, e o dó fez-se ré etc. Este cálice (e enchia-o novamente), este cálice é um breve estribilho. Não se ouve? Também não se ouve o pau nem a pedra, mas tudo cabe na mesma ópera... (ASSIS, 2017, pp. 18-19).

A pretensão do homem em tentar explicar a vida numa teoria única não foi iniciada em Casmurro. A partir do Renascimento e, posteriormente, na ascensão da burguesia, houve uma mudança do paradigma dos gêneros anteriores centrados em verdades universais e idealizadas, para o indivíduo. Assim como, a representação da realidade do cidadão comum e o desenvolvimento da ciência moderna possibilitaram a busca por uma teoria razoável que explicasse a vida. Segundo Ian Watt:

Spengler atribui o surgimento do romance à necessidade que o homem moderno “ultra-histórico” sente de uma forma literária capaz de abordar “a totalidade da vida”; mais recentemente Northrop Frye vê a “aliança entre tempo e homem ocidental” como a característica definidora do romance comparado com outros gêneros (WATT, 1957, posição 308 no Kindle).

Dom Casmurro é um personagem de seu tempo, desta forma, quando ele diz: “Tudo é música, meu amigo. No princípio era o dó, e o dó fez-se ré, etc” (ASSIS, 2017, p. 18), propõe sua teoria usando a palavra “tudo” e o verbo *ser* na terceira pessoa do singular. No entanto, as coisas não se sucedem como ele previra, no capítulo LV, a narrativa profunda emerge novamente, desta vez na tentativa de Bentinho escrever um soneto, mas fracassa novamente.

Trabalhei em vão, busquei, catei, esperei, não vieram os versos. Pelo tempo adiante escrevi algumas páginas em prosa, e agora estou compondo esta narração, não achando maior dificuldade que escrever, bem ou mal. Pois, senhores, nada me consola daquele soneto que não fiz (ASSIS, 2017, p. 111).

Se ele terminasse o soneto onde havia o verso “Ganha-se a vida, perde-se a batalha!” (ASSIS, 2017, p. 110), talvez *Dom Casmurro* não seria escrito, afinal, seu ímpeto em atar as duas pontas da vida pela escrita seria aplacado no poema. Sua frustração chegou ao ponto de não conseguir atar frases numa oração: “Pegava depressa na oração, sempre no meio para concertá-la bem, como se não tivesse havido interrupção, mas certamente não unia a frase nova à antiga” (ASSIS, 2017, p. 116). A angústia foi aumentando, sua cisão em si mesmo chegou ao ponto do desespero.

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol (ASSIS, 2017, p. 146).

No capítulo CXXXV, Shakespeare entra em cena na representação de *Otelo*: “De noite fui ao teatro. Representava-se justamente *Otelo*, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência” (ASSIS, 2017, p. 246).

Escada espiral que se abisma ao infinito

O argentino Jorge Luis Borges recebeu a alcunha de “o maior leitor de século XX”⁵, idiossincrasias à parte, há de se entender três de suas frases, para posteriormente, entrarmos no conto. A primeira são versos do poema *Um leitor*: “Que outros se vangloriem das páginas que escreveram, eu me orgulho das que li”⁶. A segunda está no *O poema dos dons*: “Eu, que me figurava o Paraíso como uma biblioteca refinada”⁷, frase que se tornou conhecida no Brasil como “eu, que me figurava o paraíso tendo uma biblioteca por modelo”⁸. A palavra *imaginação* para um artista está além do que a mesma representa para o senso comum, neste tem-se a imaginação como algo lúdico ou da ordem da criação artística; mas para o escritor, imaginação é tudo que existe e torna os universos possíveis. A terceira frase foi dita em Buenos Aires para o entrevistador brasileiro Roberto D’Ávila numa entrevista⁹ em 1985, na biblioteca de Borges: “Não creio que tenha lido um livro até o fim, não completei o ‘Cem anos de solidão’, fui no máximo até cinquenta anos, mas é um excelente livro, gostaria de conhecer o autor, não tive oportunidade de conhece-lo e possivelmente nunca terei” (BORGES, 1985). Como pode “o maior leitor do século XX”, professor de literatura americana e inglesa em renomadas universidades, nunca haver terminado a leitura de um romance? Como escritor e professor não poderia julgar um livro como excelente se fora somente até a metade. Pouco antes de sua morte, com 86 anos, não faria sentido desejar conhecer Gabriel García Márquez se essa admiração não viesse pela opinião que tinha sobre a habilidade do colega de produção literária.

Mas por que Borges afirmou em entrevista que nunca terminara um romance? O que ele dizia não dava para saber o que era literal ou literário e, um leitor experiente sabe que se duas pessoas nunca leem o mesmo livro; da mesma forma, alguém que entra numa releitura, não continua a mesma pessoa. Na mesma entrevista Borges disse também que gosta de reler seus livros preferidos, mas não faria sentido reler várias vezes as mesmas metades. Considerando que Machado de Assis disse que *livros relidos são livros eternos*¹⁰, suponho que em cada fechar da última página, mais distante Borges ficava de terminar a obra, no sentido de esgotar todas as experiências e leituras possíveis. Para alguém com a compreensão do autor de *A biblioteca de Babel* dizer que houvera terminado de ler um livro, diminuiria o valor do mesmo, atitude não condizente com o amor que ele tinha por essa forma de expressão humana tão elevada.

Com esses versos e afirmações podemos entrar n’*A Biblioteca de Babel*, um conto onde os personagens são bibliotecários, peregrinos, decifradores, inquiridores e homens de livros numa biblioteca que é o próprio universo. Não existe nada além da biblioteca e a quantidade de livros é infinita. Isso significa que todas as possíveis combinações de letras, caracteres e textos estão nesse lugar, ou seja, não há nada no mundo que não seja livros e letras, inclusive, podemos supor que estão nesse espaço: a Biblioteca de Alexandria, a Biblioteca de Celso em Éfeso, a biblioteca Mario de Andrade em São Paulo, a estante da escola da periferia, a pequena biblioteca do presídio, e todos os armários com livros que existiram e ainda existirão.

Vejamos as duas primeiras palavras: “O UNIVERSO” em caixa alta, em seguida entre parênteses está a frase “que outros chamam a Biblioteca”. Aqui ele toma a metáfora pelo real, ou seja, poderíamos dizer que uma biblioteca é um universo, dando um sentido até poético, mas

⁵ AVELAR, Idelber. **Jorge Luis Borges, o maior leitor do século 20**. 2018. Disponível em vejapontocom: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=ZolxGgASwk&feature=emb_logo> Acesso em: 26 de set. de 2020.

⁶ AVELAR, Idelber. **Jorge Luis Borges, o maior leitor do século 20**. 2018. Disponível em vejapontocom: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=ZolxGgASwk&feature=emb_logo> Acesso em: 26 de set. de 2020.

⁷ MACAMBYRA, Marina. **O paraíso de Borges**. 2014. Disponível em: <<https://bsf.org.br/2014/02/04/bibliotecas-paraíso-borges/>> Acesso em: 26 de set. de 2020.

⁸ BORGES, Jorge Luis. **Poesía**. Trad., de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁹ D’ÁVILA, Roberto. Entrevista de Jorge Luis Borges. 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8VZ-ykJARhs>> Acesso em 26 de set. De 2020.

¹⁰ Citação extraída do livro *Por que amamos ler?*, de Brian Bristol. Editora Novo Conceito, 2008.

Borges diz o contrário de forma literal, o universo é uma biblioteca! Isso não é aleatório, da ordem da criatividade apenas.

Alberto Manguel, atual diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, lia livros para Borges, em função da cegueira deste. Como é do conhecimento popular, Borges ficou cego em 1955, mesmo ano em que foi nomeado como então diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, ocasião em que escreveu o já citado *Poema do dons*, onde diz: “Ninguém rebaixe a lágrima ou censura/ Esta declaração da maestria/ De Deus, que com magnífica ironia/ Me deu mil livros e uma noite escura”¹¹.

Da aproximação entre os dois, posteriormente, Borges seria reconhecido por Manguel no primeiro capítulo de seu livro *Uma história da leitura*, com a frase:

Jorge Luis Borges aperta os olhos para melhor escutar as palavras de um leitor que não se vê. Em seguida transcreve um trecho dum manuscrito do século III da tradição judaica, onde diz que Deus formou o mundo por meio de 32 caminhos secretos de sabedoria, 10 são os números de onde toma existência tudo que é abstrato, e das 22 letras temos o cosmo, o mundo, o tempo e o corpo humano. Assim, a chave para entendermos o universo está em nossa capacidade de ler e interpretar as combinações que decorrem das letras e números (MANGUEL, 1996, p. 8).

Não sabemos se Borges e Manguel falaram sobre a formação e constituição do universo por meio de letras e números, provavelmente sim. Desta forma, *A biblioteca de Babel* não é um mero devaneio criativo da mente de um dos maiores escritores dos últimos 100 anos, é mais que isso, esse conto é chave para entrar no universo borgeano.

A biblioteca de Babel não é um conto dentro dos padrões contemporâneos de escrita criativa, tais como, introdução do espaço e tempo da narrativa, apresentação das personagens, pontos de virada, personagens planas ou redondas, clímax e desfecho; ainda que possamos marcar um ou outro desses elementos. Assim, podemos fazer relações deste conto com *Alguns aspectos do conto*, de Julio Cortázar. A começar pelas duas metáforas que Cortázar usa para discernir o conto do romance: a fotografia e o boxe.

Quanto à primeira metáfora de Cortázar, Borges escolhe um ambiente específico em sua natureza: a infinitude do universo. Nesse particular, o conto vai profundo nas implicações de se tomar toda a extensão do cosmo por uma biblioteca. Quando diz que há uma “escada espiral que se abisma ao infinito” (BORGES, 1996, p. 54), ou quando o narrador afirma que “peregrinei em busca de um livro, mas agora, preparo-me para morrer, à pouca distância do hexágono (prateleira) em que nasci” (BORGES, 1996, p. 54); ou ainda, que “minha sepultura será o ar, meu corpo cairá e se dissolverá no vento gerado pela queda infinita” (BORGES, 1996, p. 55), ele está se aprofundando na figura que escolheu como tema.

Por outro lado, a ciência moderna postula que pode haver um limite para as fronteiras do universo, afinal, se o universo teve um início e está se expandindo (ponto explorado no conto), não é difícil supor que ainda há não-lugares não tomados pela luz, pelas estrelas e astros, pela matéria e energia escura. Aquilo que do cosmos podemos afirmar compreende o *universo observável*¹², mas o narrador de Borges vai mais longe ao dizer: “Afirmo que a Biblioteca é

¹¹ BORGES, Jorge Luis. **Poesia**. Trad., de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹² *Universo observável* a região do universo que contém toda a matéria que pode ser observada do nosso planeta no tempo presente. Assumida uma distribuição uniforme e homogênea de radiação no universo, pode-se dizer que a distância de um observador situado na Terra à fronteira do universo observável é praticamente a mesma em todas as direções. O universo observável, portanto, é uma região esférica centrada na Terra. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cosmologia/universo-observavel/>> Acesso em 26 de set. de 2020.

interminável” (BORGES, 1996, p. 55). Nesse quesito tomar o conto como uma fotografia não significa somente limitar a superfície de atuação, mas ir profundo num ponto de vista:

[...] um aparente paradoxo: recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abre de par em par uma realidade muito mais ampla [...] que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 2006, p. 151).

Na segunda metáfora de Cortázar, como numa luta de boxe, o narrador mina a força do leitor desde o início numa intensidade e tensão crescentes, chegando à conclusão que a biblioteca nos “anula ou aterroriza” (BORGES, 1996, p. 61), e depõe que já viu partes da biblioteca onde “jovens se prostram diante dos livros e os beijam, sem entender uma letra” (BORGES, 1996, p. 61). Pelo fato de todas as combinações possíveis dos símbolos gráficos (incluindo ponto final, vírgula e espaço) estarem na biblioteca, o narrador-peregrino diz que qualquer livro que faça sentido pode ser uma mera coincidência como numa análise combinatória matemática e nada mais.

Vejamos agora a *significação* da narrativa, termo explorado por Cortázar. Não há uma frase, uma imagem, uma palavra solta no texto, Borges abriu mão de ambientações e descrições exaustivas e desnecessárias que não confluíam para o efeito pretendido, e explorou ao máximo a questão da biblioteca como universo, ou melhor, do universo como biblioteca. Nádia B. Gotlib, em *A Teoria do Conto*, traz à referência Tchekhov para dizer sobre a compactação do conto:

[...] o texto deve ser claro – o leitor deve entender, de imediato, o que o autor quer dizer. Deve ser *forte* – e ter a capacidade de marcar o leitor, prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se afrouxe este laço de ligação. O excesso de detalhes desorienta o leitor, lançando-o em múltiplas direções. E deve ser compacto – deve haver condensação dos elementos. Tudo isto, com objetividade: “Quanto mais objetivo, mais forte será o efeito” (p. 92), afirma em carta à escritora L. A. Avilora (2004, p. 24).

Gotlib ainda cita

Norman Friedman em “What makes a short story short?” (1958), a brevidade, considerada como fator diferencial, baseia-se apenas nos sintomas e não nas causas. A questão não é “ser ou não ser breve”. A questão é: “provocar ou não maior impacto no leitor” (2004, p. 34).

Ao contrário do que se imagina, através da brevidade e compactação, o contista pode focar no essencial para produzir um efeito mais rápido e potente, sem pulverizar a atenção do leitor em vários elementos que o tirariam do foco.

Borges não se isenta em apontar a miséria humana, assim como seu predecessor Machado de Assis. O autor argentino diante da imensidão da Biblioteca de Babel e os desdobramentos que seguem, não deixa de reconhecer a pequenez humana, começando por guardar um espaço na biblioteca para o banheiro: “À esquerda e à direita do vestibulo, há dois sanitários minúsculos. Um permite dormir em pé; outro, satisfazer as necessidades físicas” (BORGES, 1996, p. 54). Mesmo infinita, a biblioteca não tem quarto, cama, cozinha; mas tem vaso sanitário.

Depois fala sobre o orgulho: “Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto” (BORGES, 1996, p. 57), o narrador não diz alguns ou muitos, mas “todos os homens”. Aponta também a pulsão humana incontrolável por poder e domínio sobre os outros: “Existem investigadores, oficiais, inquisidores. [...] às vezes, pegam o livro mais próximo e o folheiam, à procura de palavras infames. [...] Outros, acreditavam que o primordial era eliminar as obras inúteis” (BORGES, 1996, p. 58).

A hipocrisia é relatada em “atrevo-me a supor que as consequências das depredações comedidas pelos Purificadores foram exageradas graças ao horror que esses fanáticos provocaram” (BORGES, 1996, p. 59). E finalmente, as guerras, discórdias e desespero: “As epidemias, as discórdias heréticas, as peregrinações que inevitavelmente degeneram em bandoleirismo, dizimaram a população. Acredito ter mencionado os suicídios, cada ano mais frequentes” (BORGES, 1996, p. 61).

A busca do narrador-peregrino era encontrar um livro que formulasse “uma teoria geral da Biblioteca e resolver satisfatoriamente o problema que nenhuma conjectura decifrara: a natureza disforme e caótica de quase todos os livros” (BORGES, 1996, p. 56); em seguida, o texto volta nessa questão: “Esses exemplos permitiram que um bibliotecário de gênio descobrisse a lei fundamental da Biblioteca” (BORGES, 1996, p. 57). Ou seja, havia uma busca para algo que “fosse o compêndio perfeito” (BORGES, 1996, p. 59) para explicar a vida. O que nunca vai acontecer, afinal, ele se “prepara para morrer” (BORGES, 1996, p. 59) tendo lido poucos milhares de livros, ainda assim, avançou apenas algumas léguas. Ele sabia que o livro que explica tudo existia em um ponto hexagonal da biblioteca, mas a questão não era tal livro estar no universo, mas encontrá-lo seria mais impossível que sua própria existência.

Por outro lado, ao escrever essa curta narrativa, de acordo com o próprio escrito, o conto *A biblioteca de Babel*, bem como, esse artigo, um best-seller, as teses de doutorado que irão revolucionar a ciência no futuro, os roteiros de cinema que vão ganhar os prêmios do Oscar de melhor filme nos próximos 100 anos, qualquer frase de amor escrita no espelho do banheiro, um bilhete com a lista de compras pregado na porta da geladeira, ou ainda todos os textos pessimamente escritos e sem coerência e coesão alguma, enfim, todas as combinações gráficas estão na biblioteca de Babel. Desta forma, o conto de Borges é mais que um alento, é um fôlego de vida que a literatura proporciona, eis o paraíso borgeano.

Considerações finais

A *Teoria da Relatividade*¹³, de Einstein postula que o movimento somente terá significado a partir da observação por um ponto de vista se comparado com outro ponto de referência. Outra marca da Teoria é a ideia que o espaço e o tempo não são coisas independentes, mas na verdade, é o *espaço-tempo*, composto por quatro dimensões, sendo a última, relativa ao tempo.

Ao ler Dom Casmurro pela segunda vez, a frase “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” fez algum sentido, mas quando li em Borges “Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva rumo ao infinito”, o enunciado de Machado tomou outra dimensão para mim. Espera-se que analisar alguns aspectos nos dois autores seja como ter a própria mente expandida para além do que sozinho jamais se poderia.

Olhar para o céu é a condição humana para fora de si mais intrigante e espantosa. Olhar para Borges e Machado, observar seus movimentos paralelos e equidistantes, um gravitando em torno do outro, nos levou ao diálogo entre suas semelhanças e diferenças. Tal fenômeno

¹³ “Junção de dois estudos do alemão Albert Einstein: Teoria da Relatividade Restrita, de 1905, e a Teoria da Relatividade Geral, de 1915. Além de estabelecerem relações entre massa e a energia de um corpo, elas explicam que tempo e espaço são relativos, dependendo do ponto de vista do observador”. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-teoria-da-relatividade>> Acesso em 27 de set. de 2020.

constitui o ponto principal que nos estimulou a desenvolver esse trabalho: atrair pessoas para o “corpus” planetário dos livros, tornando-os leitores um pouco mais conscientes de seu papel como cidadãos do mundo.

Ao iniciar este trabalho julguei que os dois autores iriam numa direção oposta em suas criações literárias. O que se confirmou foi que ambos usam temáticas e inspirações diferentes, premissas distintas, porém, ambos, de seus respectivos pontos de vista, espantam-se diante do movimento do homem no universo.

Eles falam também da busca de uma *Teoria de tudo*¹⁴ apontando que nada está solto ou desconectado, falam do nosso desejo de transcendência, discorrem sobre a miséria humana diante do assombro da vida deixando suas conclusões abertas. A última frase de *A Biblioteca de Babel* diz muito, mas a última palavra fora escolhida criteriosamente: “Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança” (BORGES, 1996, p. 61). Desta forma, essa palavra transcende o paraíso de Borges e vem calhar no obscurantismo de nossa contemporaneidade. Como gratidão e de uma forma singela, esse artigo orientado e escrito em tempos tão difíceis e incertos também termina com a palavra *esperança*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BORGES, J. L. **A biblioteca de Babel**. In: Ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORTÁZAR, J. **Alguns aspectos do conto**. In: Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2004.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WATT, I. **O realismo e a forma do romance**. In: A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁴ “No campo da física teórica, procura-se compreender o universo e para isso os físicos recorrem às fórmulas matemáticas. Uma das questões abordadas é: como o surgiu o universo? Esta pergunta equivale a considerar como tudo começou e por este motivo se fala sobre a teoria de tudo. A fórmula matemática definitiva que explica a origem do universo ainda não existe”. Disponível em: <<https://ouniverso.com.br/2019/04/21/teoria-de-tudo-conceito-o-que-e-significado/>> Acesso em 27 de set. 2020.